

B. N. L.

13045

L.

ILL

Tudo Perdido

Poema dramático em tres actos

Por ti, amor, perdi Deus,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

POPULAR.



LISBOA

J. A. RODRIGUES & C.^ª, EDITORES

186 — RUA AUREA — 188

1910

13045 L.

MARIA O'NEILL

TUDO PERDIDO

POEMA DRAMATICO EM TRES ACTOS

Por ti, amor, perdi a Deus,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

POPULAR.



LISBOA
J. A. RODRIGUES & C.^ª, EDITORES
186 — RUA AUREA — 188
1910

348.744

LISBOA — OFF. TYP. : CALÇADA DO CABRA, 7 — 1910

À MEMORIA

DO MEU QUERIDO MESTRE

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

D. Thereza foi victima d'um sentimento nobre em si, mas ás vezes excessivo e cégo, que ella tinha feito crescer, radicar-se, definir se e que serviu de grito de revolta á ambição de Affonso Henriques ou antes á d'aquelles que por meio do inexperiente principe esperavam melhor satisfazê-la.

Alexandre Herculano.

PERSONAGENS

D. THEREZA, a Infanta-Rainha.

MÓR GARCIA
MARQUEZA VAZ } cuvilheiras
MÍCIA NUNIS }

D. THEREZINHA, irmã de

D. AFFONSO HENRIQUES.

EGAS MONIZ.

O CONDE D. FERNANDO DE TRAVA.

D. PAIO, arcebispo de Braga.

D. SOEIRO DA MAIA.

O SENHOR DA TERRA DA FEIRA.

TIMEU
VELEZ
SANCHO NUNES } cavalleiros
MACARIO }

GIL, pagem da Rainha.

BERNARDIM, trovador.

SENTILL, bobo.

Donas, varões, cuvilheiras, pagens, homens d'armas,
peões, besteiros, etc



Audi de Santos Jorges de Cande Barca. N.º 11

A RAINHA D. TEREZA.



ACTO PRIMEIRO

A SCENA

Quadra vasta no castello de Lanhoso. Nas paredes forradas de ricas colgaduras, tropheus d'armas. Ao fundo, ladeado por dois arcos, que deixam vêr outra sala, um estrado coberto de custoso terciopello; sobre elle um escabello doirado. Á esquerda uma arca occulta por broslada purpura; n'ella aprestes de escripta e alguns rôlos de pergaminho. Em volta varios escanos. A direita um armario d'ebano.

SCENA PRIMEIRA

D THEREZA *sentada no escabello, sobre o estrado;*
n'este, MÓR GARCIA, MARQUEZA VAZ e MI-
CIA NUNIS

MÓR GARCIA

Alto valor, que vence os riscos que desdenha,
Em fórmas feminis ás vezes se disfarça.

MICIA NUNIS

E mais de temer é, fraco que sabe ousar
Que forte ousado e crú...

MARQUEZA VAZ

Vesado a triumphar.

D. THEREZA

Contou-me o Rei, meu pae...

TODAS AS DONAS

Que Deus em gloria tenha...

D. THEREZA

Um caso extra-vulgar que um dia lhe aqueceu,
Voando n'um pallude uma ardilosa garça
Com um falcão nebri que o rei francez lhe deu.

(Com enthusiasmo)

Largou-o. Attentas sêde .. Eis que ás nuvens se eleva
Co'as azas, lentamente, o destro caçador !
E, após breve pairar, rapido o espaço fende
Sobre a prêa gentil. Julgam-n'ó vencedor...
Mas a garça, que em força a garças sobreleva,
No bico o aguarda... aperta... e morto aos seus o rende !
Sabeis o que este assumpto á mente me chamou ?

MÓR GARCIA

Presinto.

D. THEREZA

Então dizei. (*às outras*) Nós avaliaremos
Se com razão presume a minha Mór Garcia
D'arguta e de sagaz.

MARQUEZA e MICIA

Se fôr, applaudiremos.

MÓR GARCIA

Pensaveis em D. Paio.

D. THEREZA (*áparte*)

E penso dês que é dia!

(*Alto*)

Acaso ignota bruxa as artes te ensinou
De tudo adivinhar?

MÓR GARCIA

Infelizmente, não.

D. THEREZA (*depois de curto meditar*)

D. Paio é perigoso... apena-me n'esta hora
Ter-lhe aberto tão cedo as portas da prisão:
Galardoa-me agora a clemencia... forçada!

MÓR GARCIA

Como ha quem possa crer que em D. Gelmires mora
Intento alheio a embuste, a intriga ou a cilada?

MARQUEZA

Sei de quem lhe venera a prateada coma
Além da voz maviosa a distillar venenos !...

MICIA NUNIS

Por elle é que D. Paio obteve a bulla em Roma

MÓR GARCIA

Se serve a quem o serve !...

MARQUEZA

E pode-lhe servir.

D. THEREZA

Sabujo dos que teme, e açoute dos pequenos !...
Raivo por o ter solto, após tão bem o asir.

MICIA NUNIS

Que havieis de fazer ?

MARQUEZA

Se Roma o ordenava...

MÓR GARCIA

O que o Conde Fernando em tal aconselhava,
Embora affecto e acceito ao perspicaz legado.

D. THEREZA

Emfim... não tem emenda.

MÓR GARCIA

Ou não lh'a daes, senhora.

D. THEREZA

Ou não lh'a posso dar... Passou o meu reinado.

MARQUEZA

Assim o desejaes...

D. THEREZA

O coração m'o agoura...

Que horas trazem D. Paio ao meu real conspecto?

MICIA NUNIS

A primeira da tarde.

D. THEREZA

Abem.

MÓR GARCIA

Já falta pouco.

D. THEREZA

Mandae-me o trovador... e tambem o meu louco...

Chamae os meus fieis... Um sorridente aspecto

Verá nos meus e em mim.

MARQUEZA

Embora rude e tosco,

Certamente distingue o rosto que se enfia

D'aquelle que o temor jámais ha descomposto.

D. THEREZA

Quero que nos presuma o espirito folgado.

MÓR GARCIA (*trónica*)

Senão, que acerba dôr teria o bom prelado !

(Sãe Micia Nunis. D. Thereza desce do estrado e vae a uma fresta á direita. Vollandando-se ás duas cunvilheiras que a seguem)

Vêde ! Como importar com doestos e vinganças
Se Deus nos dá um sol que tudo alenta e doura ?

MARQUEZA

A natureza em festa instiga a riso e danças !

MÓR GARCIA (*áparte e tristemente*)

Quando alguem tem por nós immorredouro amor . . .

MARQUEZA

Tendes, Rainha, um grande e varonil valor !

D. THEREZA

Em muito o hei provado.

MÓR GARCIA

E provareis, Senhora.

SCENA II

Os MESMOS, D. FERNANDO, MICIA NUNIS, *cavalleiros, pagens, donzeis*, BERNARDIM, *o trovador*, SENTILL, *o bobo*.

D. FERNANDO (*com respeitosa reverencia*)

Vossos servos chamaes ?

D. THEREZA (*olhando-o desvanecida e áparte*)

Por elle é pouco um reino !

(*Alto*)

Sim. Praz me receber em tom de desassombro
O Arcebispo de Braga, (*gracejando*) a quem ha muito treino,
Sem o trazer no dedo ou repousar no hombro,
A nunca caçar mais que aquillo que eu lhe deixo

(*D. Fernando offerece a mão à Rainha que se encaminha ao estrado, e se senta ; a um aceno seu, todos lhe seguem o exemplo, menos os pagens, donzeis e o trovador. Sentill ennovela-se-lhe aos pés.*)

Em que pensas Sentill ?

SENTILL

Na variavel sorte.

D. THEREZA

É judicioso emprego e que eu muito releixo.

SENTILL.

Creio. Siso e pensar nem de todos é forte.

D. FERNANDO

Roubaste a phrase, Sentill.

D. THEREZA (*sorrindo*)

Quantas tens na retentiva ?

SENTILL

De mais sabor seria uma reposta esquiva
Do que vo-l'as dizer.

D. THEREZA

Dize.

D. FERNANDO (*áparte*)

Hão-de ser bonitas !

SENTILL a D. FERNANDO (*mostrando-lhe que onviu*)

Pois são.

(*Voltando-se á Rainha*)

Estamos os dois accordes n'uma cousa...

D. THEREZA

Em qual ?

SENTILL

Vós, a Rainha, e eu, Sentill, do Sousa,
Postos, por nosso mal, em posições astrictas,
Com cuidados e dôr em nós a remorder
Temos, porém, de rir e de folgar.

D. THEREZA

Porquê?

SENTILL

Vós por o proprio amor, o bobo por dever :
Eis como n'este instante o ceu me fez mercê
De me igualar comvosco, honra que eu dispensava.

D. THEREZA (*com enf.,do*)

Bem dizes.

D. FERNANDO

Mas sê cauto...

D. THEREZA

A tempo a lingua trava.

SENTILL (*rangado*)

Se vos não praz ouvir, porque mandaes fallar ?
Em quem razões não escuta, o juizo escasseia,
E faz paços reaes mudarem-se em cadeia.
Se a verdade vos doe, deixae-me retirar.

D. THEREZA

Bernardim !

BERNARDIM

Senhora minha.

D. THEREZA

D'essa lyra, ha tanto inerte,
Inda lograes tirar som ?

BERNARDIM

Ào vosso gesto, Rainha,
Esta mão n'ella solerte
Sabe-o tirar sem destom.

D. THEREZA

Cantae.

BERNARDIM (*annunciando*)

Cantiga d'amor.

(Cantando)

Pondes, senhora, afinamento
Em dar-me coita ao coração.
Mostraes que sim, dizeis que não
Sem vos doer do meu lamento.
Ou daes-me a vida ou m'a tiraes ?

D. FERNANDO (*tristemente e como para si*)

É lindo ! . . .

D. THEREZA

Pois não achaes ?

*(O Conde inclina-se em silêncio)*BERNARDIM (*cantando*)

Por Deus ! ao vêr tal incerteza
Aquem me vou, mal assombrado,
Pois se de vós eu fôra amado,
Não me leixáreis em tristeza :
Ou daes-me a vida ou m'a tiraes ?

D. THEREZA

Tendes quebros ideaes

Quando traduzis a dôr.

(Acena-lhe para que continue)

BERNARDIM

E porque nunca estes meus olhos

N'outros mais bellos se hão visto

Jurei tê-los, e não desisto,

Até los pido de jiolhos :

Ou daes-me a vida ou m'a tiraes ?

SENTILL *(sentencioso)*

Bom estribilho. Quanto ao mais

Não merece gran louvor.

D. THEREZA

Em tão subtil urdidura

Que encontras que criticar ?

SENTILL *(como acima)*

Mais perfeita brosladura

Pedi sempre o verbo amar.

D. THEREZA

Encantou-nos este, Conde.

Vejamos se outro responde

Ao nosso gosto irmãmente.

Podeis cantar Bernardim.

D. FERNANDO *(tocando-lhe no hombro)*

Mas sê na escolha prudente.

BERNARDIM *(cantando)*

Dôce rosto de marfim,
Causa da minha amargura,
Alhur buscar a ventura
Já não depende de mim.
Ai ! tão prezo por vós sou !

SCENA III

Os MESMOS e um pagem á porta

O arcebispo de Braga.

D. THEREZA

Em boa hora venha !

D. PAIO *(fazendo reverência á Rainha)*

Senhora, aos vossos pés, e que Deus vos mantenha.

(Breve mesura aos ontros, que correspondem em silencio)

Seja Christo comvosco. *(á Rainha)* O que me traz...

D. THEREZA

Exponde,

D. PAIO

Affonso, filho vosso e nosso Infante e Conde,

Com mui cortez saudar, a vós por mim envia
Suas tenções propôr.

D. THEREZA

Attendo :

D. PAIO

A real mente

De duas soluções a escolha vos consente :
Em Lanhoso viver com donas e varões
De eleição sua ; ou do reino sahir
Com os que agora haveis.

D. THEREZA (*ironica*)

É grande em attenções !

Que julgaes que prefiro ?

D. PAIO

O que mais vos convir.

O interesse por vós, que todos. . .

D. THEREZA (*como acima*)

Reconheço.

Que me aconselha o vosso amigo int'resse padre ?

D. PAIO

Ficar.

D. THEREZA (*mais pungente*)

Previ.

(Longo silencio. Pondo-se de pé n'um soberbo gesto d'altivez)

Voltai, e ao filho meu dizei

Que os quiz chacear, ou desconhece a preza.
 Por seu querer jamais, nem da vida por preço,
 Captiva ha de ficar a Infanta Portuguesa.
 Se Affonso é filho tal, que a propria mãe receia,
 Tem veneno e punhal... não será o primeiro
 Que assim a um throno ascende e d'elle a Madre apeia.
 O desterro acceito. E com jus ninguem hade
 Dizêr que aos fidos seus por medo ou por vontade
 Thereza abandonou.

D. PAIO

Sois firme em tal tenção ?

D. THEREZA

Como um penedo, padre.

D. PAIO

Afflige o coração

Vêr que escolheis...

D. THEREZA

Tão mal ?

D. PAIO

Vós o dizeis E fôra...

D. THEREZA

Melhor não terdes vindo. Avaro de bolsa e tempo

Doe-vos sêm prós gastar. Per méro passatempo
Não vos detenho... Andai.

D. PAIO (*curvando-se respeitoso*)

Guarde-vos Deus, senhora

D. THEREZA (*levemente irônica*)

Amen.

D. PAIO (*aos outros*)

Em paz ficai.

SCENA IV

Os MESMOS menos D. PAIO

SENTILL (*a D. Fernando*)

Adeus, Conde do Porto. Adeus, Conde de Coimbra
Vamos, alferes mór d'um prelado que timbra
D'entre prelados ser o mais temido e ousado
Voltemos, Dom Fernando, ao senhorio de Trava
Ai! para não voltar quanto a nossa alma dava!...

D. FERNANDO

Insipido sandeu, nem mais um som, ou eu...

SENTILL (*affastando-se desdenhoso*)

Não mette medo á lebre o cão que já morreu.

D. THEREZA

Volvem-se os dias, Mór, e tornam-se a volver
Sem um instante d'este, áquelle condizer...
D'um supremo destino a nossa vida é escrava.

MÓR GARCIA

De vos ouvir ha pouco...

D. THEREZA

Essa alma se atristava ?

(Mór faz um gesto affirmativo. D. Thereza áparte e em tom reconhecido)

Sacrifica-me tudo ! *(Alto)* Em terras de Galliza
Tereis o mesmo sol. Nos campos e nos prados
Por toda a parte emfim, aromas, aves, flôres,
Riso, guitarra e canto... a fé, credice e... amôres.
É sitio hospitaleiro a jovens desterrados. .

MÓR GARCIA

Rainha, onde sois bem, são bem vossos creados.

D. THEREZA *(a todos)*

Ide *(Ao Conde)* Demorai vós.

(Às cuvilheiras) Alongai-vos, gentis,

Hei que dizer ao Conde.

(Sahe)

SCENA V

D. THEREZA e D. FERNANDO

Aos vossos pés subtitis

Prompto a escutar-vos sou.

D. THEREZA *(beijando-o)*

N'um beijo só suavisa

Os meus pezares Fernando!...

(Fitam-se longamente)

Enche o meu peito de gozo

O lume d'esses teus olhos

Tão meigo, tão carinhoso!

Largo preço a tantas dôres

E tão crueis desenganos!

(Longa pausa)

Inda assim somos felizes...

D. FERNANDO

Porque vivemos amando.

E tem tão fundas raizes

A nossa mutua afeição

Que só pode findar quando

Nos não pulse o coração.

D. THEREZA *(com calor)*

Desdenho a senda de abrolhos,

Desdenho o mundo em clamores,
Desdenho perpetuos annos
De desterro e dissabores.
Porque um só olhar dos teus
Me dá na terra mil ceus
E, ausente, encanta a memoria !

D. FERNANDO

Mas attende, vida minha minha,
Bem sabes que patria e gloria,
Dever, existencia e fé,
Em mim tudo a ti se inclina
Como á divina Rainha,
Todo o sêr que devoto é.

D. THEREZA

Tanto não, sou de ti digna.
Dizias ?...

D. FERNANDO

Que sou fatal :
Vêem de mim teus desgostos.

D. THEREZA

Que ideia !...

D. FERNANDO

Co'o cabeçal
Altas horas conversando
Passo em mente certos rostos,

Risos, palavras, olhares,
Que, por tanto me elevares,
Bastas vezes pude vêr
Em teus altivos barões,
E nunca logrei esquecer.

D. THEREZA *(com um desdenho e movimento de hombros)*

Cubiçosos d'honrarias,
Que senhor criam Fernando
Do poder que era só meu.

D. FERNANDO

Com ousadas cobardias
Na sombra tal teia urdiram
Que punindo te, puniram
O que em minh'alma ha de santo.

D. THEREZA

Inveja, que podes tanto !

D. FERNANDO

Pode bem mais a mulher,
Pois quer Deus o que ella quer.

D. THEREZA

Quer Deus, Fernando ? Não creio,
Que quanto agora me avem
Não foi por mim desejado.

D. FERNANDO

Inda tens um prompto meio
De tornar o mal em bem.

D. THEREZA

Qual ?

D. FERNANDO

O que disse o prelado.

D. THEREZA *(com pasmo)*

Pois és tu ? ! tu ? ! ... que aconselhas...

D. FERNANDO

Sim, sou eu ; eu, que te adoro.
E esse olhar, que no meu espelhas,
Inquiera se n'alma chóro
O dever de assim fallar.
Fica, que entre portuguezes
És sempre e serás bemquista :
E eu, se fôr longe da vista,
(Em tudo me serás guia)
Saberei n'alma evocar
Em cada instante do dia,
Por longos que sejam mezes,
A tua imagem querida :
Longe ou perto, minha vida,
Comtigo o coração está.

D. THEREZA (*sentida*)

És tu, meu Fernando, és tu,
Quem um tal voto me dá?

D. FERNANDO

É do mais subido amôr
O que a ti se antolha crú.
O que os move...

D. THEREZA (*quasi indignada*)

Por favôr,
Fernando! avonda...

D. FERNANDO

Mas ouve...

D. THEREZA (*como acima*)

Não hei coração que louve
Um desprendimento assim.

D. FERNANDO

Embora, escuta-me ainda...

D. THEREZA (*irritada*)

Acaso não achas fim
A tão ingrato dizer?

D. FERNANDO

Sé o permittes breve finda:
Partindo eu cessam maldades,

E tu, cujas faculdades
Têm sabido manter
Enadir, consolidar
Um tão custoso dominio,
Hasde toste recobrar
O perdido predomínio,
Que o teu retezado *quero*
Sabe assuxar as vontades.
Não sou, nem serei severo
Para a conducta de Affonso.
É teu filho uma creança
Com brios de gentil-homem.

D. THEREZA

Callou-lhe n'alma o responso
Dos mal contentes barões.
Nunca os houve mais villões !

D. FERNANDO

O pensamento consomem
Para obter maior vingança !

D. THEREZA (*vibrante de indignação*)

Maior que provar-lhe a lança
Contra sua propria Mãe ? ! . .
Ah ! não ter eu por momentos
O poder d'antigos dias ! . . .
A que atrozes passamentos

A que feras agonias
Sem a mais debil piedade
Condemna-lòs me verias.

(Com desalento)

Assim, só resta o desdem.

D. FERNANDO

Vencê-los-has pela astucia...
Tornarás independente
Por nunca ouvida fiducia
O reino por ti formado,
Que será grande e potente
Alem do que has desejado.

D. THEREZA

É certo, desde que entrei
Na terra dos portugueses
Para os livrar trabalhei.
Que de vezes, que de vezes
Tenho sonhado accordáda
Ser rainha confirmada
Da terra que amo... que ameii!
Dizem minh'alma, e eu creio,
Que Deus as faltas nos pune
No que hemos mais junto ao seio...
Não pude ficar immune...
Tinha um peccado, paguei-o.

(Depois de pausa)

Alguem me narrou que, olhando
 A luzida cavalgada
 Em que se lhe hia a ventura,
 Tua esposa assim bradou
 Por justa razão irada :
 «Que o teu sonho de fama e d'ambição,
 «Por ti tão rudemente trabalhado,
 «Jamais possas gozar ; e aos olhos teus
 «Por outras mãos o vejas alcançado.
 «Desterrada, sem honra e sem ventura
 «Teus dias findarão... requeiro aos ceus.»

D. FERNANDO

Pois podem caber taes crenças
 N'um varonil coração ?

D. THEREZA

Podem, que, por destemido,
 Não deixar de ser christão.
 Despreza humano alarido
 Mas lembra e teme as offensas
 Com que despraz ao seu Deus.

D. FERNANDO

É mais um motivo, Th'reza,
 Que deve volver-te aos teus.

D. THEREZA

Ha pensar de mais crueza ? !
Sem ti como hei de viver ?
A minha fôrça, Fernando,
Vem de ti, de ti sómente ;
E preferia morrer
A vêr-me de ti ausente,
Recobrando honras e mando.
Aqui não falto, que Affonso
Embora em annos tão breve
Nada decide de leve.

D. FERNANDO

Porque tem subtil mentor
E servidores leaes.
Até Paio falso e sonso
Lhe é tão fiel como os mais.

D. THEREZA

Se quiz luctar, elevar-me,
Era só para que visses
Que não podendo igualar-me
A muitas em...

D. FERNANDO

Beatices,
Excedeste todas, todas,
Em saber, alma e valor.

D. THEREZA

Se um sceptro Thereza quiz
Em tempo, d'este ao revez,
É que pensava, (infeliz !)
Que como prova d'amôr
N'um dia de faustas bôdas
O lançaria a teus pés.
Hoje, que o sonho se solve
Em triste realidade,
Só larga n'alma a saudade
D'um nada, que ao nada volve.
Affonso, tenho a certeza,
Háde ser singular rei :
Eu... eu deslumbrarei que um reino tive
Que fui temida e grande ; e levarei
Nos teus olhos bem mais que um grande imperio
Nos teus braços bem mais... bem mais que um ceu.

D. FERNANDO

Rompe emfim minh'alma um veu
Respira, sorri, revive ;
Pois sem faltar ao criterio
N'um caso tão grave e sério
Não fiquei sem coração !

D. THEREZA (*sorrindo*)

Guia-me aos meus aposentos...
Verei se os teus argumentos
Merecem pena... ou perdão.
(*Sahem*)

SCENA VI

TIMEU e SENTILL

SENTILL (*espreitando a um dos arcos*)Ninguem ! (*Para dentro*) Podeis chegar-vos*Escutando ás portas lateraes*) Tudo em silencio jaz.*(Voltando-se a Timeu que tem entraão e offerecendo-lhe um escano)*

Um banco para sentar-vos...

Ora dizei, que vos traz ?

TIMEU (*batendo-lhe amigavelmente nas espaldas*)

Tu sempre foste, Sentill,

Amigo certo e leal...

SENTILL (*com funda ironia*)

Dos raros que em maré vil

Sabem manter porte igual.

Vindes por encomiar-me

Ou daes abrigo á tenção

De por affagos levar-me

A servir-vos como cão ?

TIMEU (*áparte*)Velhusco ! (*Alto*) O que a ti me guia

É desejo mais que eu forte

De fallar a Mór Garcia

N'isso me vai vida ou morte.

SENTILL

E quereis ?...

TIMEU

Serviço amigo

Haver de ti confiei.

Posso, ou não, contar contigo ?

SENTILL *(muito importante)*

Talvez ; por ora não sei.

TIMEU *(dando-lhe dinheiro)*

N'esta bolsa, temulento,

Tens ouro que farte em vinho

Teu vasto e retorto ser.

SENTILL

Eis um gentil pensamento

Que simplifica o caminho,

Tornando-me o passo leve

E servir-vos um dever.

(Muito infatuado)

Á nossa amada pupilla

Que tendes vós a dizer ?

TIMEU

Isso é comigo e com ella.

SENTILL

Mas eu posso responder :

Se vós teimaes em ouvil-a

Avivaes a dôr que a assella
Sem mudar a situação.
Não é capaz de traição.
Seja aonde ou a quem fôr,
Mas sem scenas d'afflicção
Talvez nos morra d'amor.

TIMEU

Sentill, eu peço e repeço
Que m'a conduzas aqui...

SENTILL (*à parte*)

Se não está louco ou possesso
Muito presume de si. (*Alto*)
Trarei, mas é condição
Alegrar-me a outra mão.

TIMEU

Eis ahi, mas anda presto.

SENTILL

Ando, e agradeço o gesto.

SCENA VII

TIMEU (*só*)

Será possível, Deus meu,
Que em tal decisão persista ?

Distante do rosto seu
Minh'alma inteira se atrista
Trepida, duvida e cansa.
Sente evolar-se-lhe a esp'rança,
Prevê torturas sem termo,
Só vê no porvir um ermo
D'amor, de gôzo e ternura...
É tão triste a sepultura
Que todo o sonho destroe!
Porque é que Deus me não deu
Ao menos morte de heroe?
Cahir d'um bote certo
Sobre um campo de batalha
Justa ambição do guerreiro
Se o corpo vivo é mortalha
De quem p'ra o mundo morreu.

SCENA VIII

O MESMO e MÓR GARCIA

MÓR GARCIA

Deus vos salve. A Mór Garcia
O que pretende Timeu?

TIMEU

Ante vós balbo e tremente,

Vem prostrar-se humildemente,
Pedindo olvido e perdão.

MÓR GARCIA (*pungente*)

Após tão féra avania
Assim vos rojaes no chão ?

TIMEU (*maguado*)

Senhora!... esqueceis qu'imploro.

MÓR GARCIA (*zombeteira*)

Não; mas, pelo Deus que adoro,
Ao ver vossa positura
De gíolhos ante mim
Lembra-me certa pintura
Encaixilhada em marfim
Que ha na capella maior...

TIMEU (*dolorido*)

Não tendes piedade, Mór,
D'esta alma triste e mesquinha ?

MÓR GARCIA (*seccamente*)

Timeu, quem contra a Rainha
Ousou desnudar a espada
Núnca de mim terá nada
Sem d'ella ser perdoado.
Ora, erguei-vos e sahi
Que não lhe sendo affeiçoado
Offendeis-me estando aqui.

TIMEU

Mór, supplico... um só momento...

MÓR GARCIA

Não canseis o pensamento
Descrevendo o vosso amor ;
Não póde mudar-me o intento,
Só logra augmentar-me a dôr.
Mostrar-me a vida entre perolas,
Diamantes e brocados
Saphiras s'curas e cérulas
Rubins, topazios, doirados
E crystallinos tecidos,
Não farão dar-vos ouvidos
Nem descurar o dever.
Porque pedis como esmola
Palavra que só consola,
Se vinda do coração ?
Pensaes : feminil fraqueza
Céde sempre ante a affeição,
Mal me julgaes e fazeis.
Tem minh'alma austeras leis
Que não sabe transgredir.

TIMEU

Mas, por Deus, Mór...

MÓR GARCIA

Escusaes.

Só vos posso e quero ouvir
Se ante a infanta dona Th'reza,
Às suas plantas reaes,
Arrepellido e constricto
A vossa graça imploraes.
Pedir lhe-hei por vós... por mim...
Tem alma de cherubim:
Breve lhe esquece uma offensa,
E nunca lembra um delicto.

TIMEU

Proferis dura sentença
A que não posso acurvar-me.
A dôr ruge no meu peito
Por vêr que escolheis deixar-me
A leve menos respeito...

MÓR GARCIA

Ouvi-mé attento a resposta.
Ninguem regeita a proposta
Em que sorri a ventura,
E acceita no coração
Perpetua dôr e tortura,
Sem gravissima razão.
Quando eu era creancinha
Orphã, sem paes, sem ninguem,
Tomou-me a Infanta-Rainha
E desde então tive Mãe.

Hoje que os outros em lidas
A encheram d'angustia e dó
Dava por ella mil vidas...
Não tenho, dou-lhe uma só.

TIMEU

Mas que fareis vós em Hespanha ?

MÓR GARCIA

Reviverei no passado.

SCENA IX

Os MESMOS e D. FERNANDO
que sem ser visto pára a escuta-los

TIMEU

Se eu morrer d'amor e sanha
Não será vosso o peccado ?
E vós mesma em tal crueza
Pensai...

MÓR GARCIA *(com tristeza e altivez)*

Que sou portugueza,
E n'esta raça tão forte
Não ha quem se tema á morte,
Nem quem succumba de dôr.

D. FERNANDO (*descendo ao proscênio*)

Bem dizeis, em que vos préste
Contai com a minha amizade.

MÓR GARCIA (*seccamente*)

Graças, senhor. (*Com involuntaria pena*) Quem dó veste
Basta a mantê-lo a saudade.

Quis juvenis, etsi regendi imperii jam bene sciolus,
tamen amore landis ardentem plenum, ad quosquaque
auræ flatum ut arundo fragilis ferebatur.

Liv. dos Testam. de Santa Cruz de Coimbra



DAFFONS HENRIQUES.



ACTO SEGUNDO

A SCENA

Sala baixa no castro de Covide, em terras do Bouro.

É noute. Do tecto curvo pende dourada alampada.

É lageado o chão. Á esquerda um pequeno thálamo improvisado de coxins; a espaços ao longo das paredes, escabellos e cadeirões de espaldas. Ao centro vasto bufete; sobre elle, elmo dourado, espada curta e reluzente broquel. Ao fundo largo portão dá vista para o atrio, tambem illuminado. Entradas lateraes, encobertas por purpuras.

SCENA PRIMEIRA

D. AFFONSO e EGAS MONIZ

D. AFFONSO

Socega, provado amigo,
Mais caro a Affonso que um pae;

Lição sabida contigo
Jamais da memoria saí.
Os livros, homens, costumes,
Tudo por ti conheci ;
Mas a sciencia mais bella,
Que de mais fulgentes lumes
Revêste o nome d'um rei,
Foi n'alma tua que a li,
No viver teu que a estudei.

EGAS

Na minha vida singela
Que heis conseguido aprender ?

D. AFFONSO

O que pode haver de santo
De nobre e puro ; de quanto
Fórma a virtude, dôce Egas :
— Saber cumprir o dever :
Crê-me ; o que em silencio pregas
Ultrapassa o teu dizer.

EGAS (*enternecido*)

Meu filho, conde, senhor,
Alma casta como igreja,
Tão recta como ella o é ;
Rogo a Deus e tenho fé
Não morrer sem que vos veja

Avezado em nobres sendas. *(Com enthusiasmo)*

Pai do povo, qual Trajano,

Como Leónidas galhardo.

D. AFFONSO *(rindo)*

E porque todas as prendas

Não sejam pezado fardo,

Como Crésus rico e ufano,

Sabio como Salomão.

EGAS

Quem sabe ser guia, é sabio ;

Tem rara e grande sciencia.

De ninguem heisde ter zêlos

Se ouvirdes a consciencia,

Houverdes por norte a historia,

Por escravo o coração,

Por devoção Deus e gloria.

Tomai por vossos modêlos,

Embora não sejam reis,

De Sparta Lycurgo, em leis,

De Roma o prudente Fabio

E o rasgado Scipião.

D. AFFONSO

Porque heide ir buscar tão longe

O que tenho junto a mim ?

Austeridade de monge,

Doçura de seraphim,
Simples como é a verdade,
Sublime de caridade,
Ha n'este castro campestre
Exemplo digno d'um rei.
Praz-me imitá-lo, meu mestre,
Julgas que o conseguirei?

EGAS

Ah! discipulo dilecto,
Confundis-me em tanto affecto,

D. AFFONSO *(continuando a gracejar)*

E tu, como o são Plutarco,
Visto que citas Trajano,
Grande, por grande me vêr,
Sempre á prôa do meu barco
Guardando-o de alheio damno
Hasde commigo viver,
E morrerás nos meus braços.
Quero manter sempre laços
Com quem minh'alma educou,
Dando a meu ser novo ser,
Sentir ao meu coração.

SCENA II

Os MESMOS e D. THEREZINHA

D. THEREZINHA

A meus braços, dôce irmão !...

D. AFFONSO (*surprezo*)

Viêste ?!!

D. THEREZINHA

Egas acorrei-me !

Ora me fuge o alento.

Julguei que n'este momento

Deus me daria vigor.

Bem longe d'isso, o meu peito

Arfa em dôr, fréme e se agita

Qual creança pequenita,

Desamparada da mãe. (*N'um soluço*)

Mãe, Affonso, oh ! dize... tenho ?

D. AFFONSO (*com espanto*)

Se tens mãe ?! se tenho mãe ?! ...

Que horror podeste pensar ?

D. THEREZINHA

Perdão, Affonso, não sei.

Esta mente desvairada

Não reflecte nem vê nada;

Tanto a macêra o pezar.
Chegou-me a nova a Vizeu
De que por ferros cingida
No castello de Lanhoso,
Em carcer'privado e escuro,
Tendo por leito o chão duro,
Se morria nossa mãe.
Se te julguei matricida,
O que n'essa hora pensei
Não posso dizer, nem sei!
Temi-me do genio teu,
Tão desabrido e fogôso.
Ordenei logo a partida
E, sem descanso tomar,
N'um infernal galopar
Por esses trilhos sem fim
A teus pés prostrar-me vim.
Imploro, Affonso, piedade
Para a Mãe, p'ra ti, p'ra mim!
Poe-n'a em Galliza ou Castella,
Ou mata-me a mim por ella,
Pois em quanto viva fôr
Acceito todas as dôres
Para não soffrer tal dôr.
(Rogando) Lembra, lembra a nossa infancia,
Lembra o mimo que nos deu.
Sirva a remir o presente
De tão funestos errores,

Carinho que, se morreu,
Nos deixou n'alma a fragancia
D'um sentimento do ceu.
És filho; sê, pois, clemente,
Encontrarás piedade
Quando d'ella precisares,
No Deus que a todos os lares
E com perfeita egualdade,
De tudo nos dá perdão,
E nunca de o dar se cansa.

EGAS (*baixo a D. Affonso em tom de quem desculpa*)

Senhor, tudo teme e ousa
Santa filha e boa esposa.

D. AFFONSO (*a Egas*)

Socega. (*Para si com amargura*) Que confiança!

(*A D. Thereza, alto*)

Em ferros não mandei pôr
A Mãe por quem te desvelas.
Apenas tomei cautellas
Contra quem de Portugal
Tanto arrisca a independencia,
A tranquillidade e paz.

D. THEREZINHA

Oh! quanto allivio me dás!
Mas ella?!...

D. AFFONSO

Seja o que fôr...

Não sou de tanta inclemencia
Que esqueça que nos é Mãe.
E... se poupei teu cunhado
Foi porque tendo-a privado
De acabar por sua mão
O grande plano que é seu,
Não quiz tirar-lhe a afeição
Porque de nós se esqueceu.

EGAS

E sabeí que ha quem censure
A vosso irmão por fraqueza ;
Mas quem tiver coração
Sentirá quanta firmeza,
Quanto emprego de vontade
Faz, recuzando vingar-se,
Quem o pode e bem deseja.

D. THEREZINHA

Pois ha quem do bem murmure ?

D. AFFONSO

Todos que manifestar-se
Ousam contra o pensar meu.
Mas, n'isto o que ha de piedade,
De esforço, e de sacrificio,

Só Egas comprehendeu.

D. THEREZA (*admirada*)

Quê?! Pois nem Alonso Mendes?...

D. AFFONSO (*com involuntaria magua*)

Nenhum. Se até tu propendes,

Inda que por modo vario,

A pensar de mim tão mal!

Emfim, cruezas do officio

Egas chamai por Macario.

(*Egas acena á porta*)

EGAS

Ei-lo ante vós.

SCENA III

OS MESMOS e MACARIO

MACARIO

Senhor meu?...

D. AFFONSO

Acompanhai minha irmã

Á melhor sala do castro,

E suas donas chamai.

Agora, querida, vai

Descansa até de manhã.
Fallaremos mais de espaço
Depois que o preciso somno
Volva ás faces de alabastro
As rosas que lhes fugiram
Assim que uma dôr sentiram.

D. THEREZINHA

Affonso!...

D. AFFONSO

Que queres mais?

D. THEREZINHA

Olvida o mau pensamento...

D. AFFONSO

Como o não heide olvidar?
Se agora n'este momento
Te posso irmã, abraçar?!
Se a teu fraterno regaço
Logro abrir meu coração,
Devo-o á má concepção
D'essa ideia injusta e feia.

D. THEREZINHA

Tanta bondade me enleia...

D. AFFONSO

Vai, vai-te emfim repousar.

D. THEREZINHA

Deus te guarde, amigo irmão.

Vós, Egas, sêde bemdito

Visto que a todo o delicto

Sabeis conselhar perdão.

(Sae)

SCENA IV

D. AFFONSO e EGAS MONIZ

EGAS

Que bella explende sob a vaga côr.

Do espaço illimitado a lua cheia!...

Serena luz!...

D. AFFONSO

É linda, mas tão mesta!...

(Longo silencio)

EGAS

Por uma noite assim, calma como esta,

Toda a reflectir paz, em crú labor

Bem longas horas fui. Não vos recorda?

D. AFFONSO

Sím, amo; mas desvia a tua idea

Da via dolorosa de lembranças,

Que são tão humilhantes.

EGAS

Se o pudesse !...

Mas deveis de lembrar-vos, meu senhor,
 Que já findou o praso promettido
 De obediencia dar, como é devido,
 Ao Rei que me acceitou por fiador.

D. AFFONSO

Eu sei... porém ha certas lianças,
 Ou por dizer mais justo, submissões
 A que somos forçados; mas se aquece
 Haver occasião, é de cadimo
 Rompê-las prompto e logo.

EGAS *(com espanto)*

Ha taes tenções?

(Com mal fingida serenidade)

Ficou por vós minha palavra dada
 A D. Affonso em tratos mui leaes.

D. AFFONSO *(depois de curta hesitação)*

Deslembra-o...

EGAS

Rides?..

D. AFFONSO

Nunca em casos taes ..

EGAS *(com aguda ironia)*

Rara amizade a vossa, tão soada,

Mas tão pouco sentida, que a traidor
Forçaes o amigo que vos ha creado.
É paga . . já real, e tambem é
Principio vil para um feliz reinado.

D. AFFONSO (*altivo*)

A quem fallas ?

EGAS

Ao discipulo,
Que por muito mais d'um titulo
Tem o dever de me ouvir.

D. AFFONSO

Egas!... Bem vês... sou forçado...

EGAS (*continuando como para si*)

Vêr um templo derruir!...

(*Com muita dôr*)

Como é louco o sonhar sendo accordado!
Imaginei tornar perfeito o espirito
Que um corpo revestia; e enlevado
No sublime labor, tão doce e aspero,
Sujeito, porque amava, a mil errores,
Prestei-lhe, (como fui louco e prodigo!)
Todos os requintes e primores
De que o quiz cheio!... E, descahido o labio,
Admirei-o após. Vaidade humana!...
Cegueira incomparavel de miserrimo
Que de abater um ideal se ufana!...

Seja. Agradeço. Uma lição proficua
 É sempre um grande bem.— Adeus, senhor,
 Do mal que me fazeis fui fonte eu proprio
 Sobra razão de vos não ser censor.

D. AFFONSO

E assim me deixas só?... tão sem conselho?

EGAS (*ironico*)

Em nada vos falleço e até descommodo
 Em breve vos seria, indocil, velho...
 Fardo oneroso... firme em sãos principios.

D. AFFONSO (*em tom amigavel*)

Cálla!...

EGAS

Cállo... não me ouvireis jamais.
 Permitta Deus que em vossa consciencia
 Nunca vos dôa o passo que ora daes.
 Ficai com Deus, senhor.

(*Sae*)

SCENA V

Heis-me de todo só.
 Que desconforto e dôr!
 Veste a minh'alma dó.
 Irrompem-lhe suspiros
 Que a gorja me estrangulam,

E pensamentos diros
Na mente me pullulam...
Tenho acaso razão?
Ambiciono a regencia?
Não sei se sim, se não.
Certo é que algo me punge
Aqui... na consciencia.

SCENA VI

O MESMO e SANCHO NUNES

SANCHO NUNES

Senhor!

D. AFFONSO

O que vos praz?

SANCHO NUNES

Dom Paio, ora chegado,
Ingratas novas traz.

D. AFFONSO

Dizei.

SANCHO NUNES

Se o permittis,
Ouvireis o legado.

D. AFFONSO *(n'um leve tom de remorso)*

Vós sois como Moniz:

Jamais por vossos labios
Tive nova de dôr.

SANCHO NUNES

Deixo o pezar aos sabios;
Só sei fallar de amôr.

D. AFFONSO (*com pezar*)

Em annos já maduro,
Contente sois qual noivo.
E eu, que ha tão pouco duro,
Mais triste do que um goivo!

SANCHO NUNES

Por isso heisde ser Rei.
Mas eu, vosso vassallo,
Não troço o meu destino
Por o de mór regalo.

D. AFFONSO

Vós nascestes n'um sino
Pois que em tudo heis prazer.

SANCHO NUNES

Não, que a vida é veloz.
Se cumpro o meu dever
Servindo Deus e vós,
Sendo por meu torrão,
Satisfaço um impulso
De luso coração.

D. AFFONSO

E dizem-vos mau aço!
Alcunham-vos d'insulso!

SANCHO NUNES *(com desdem)*

Coitados, que eu prostrára
Ao descahir d'um braço;
E, prestando o labor,
P'ra sempre descansára
Tão primoroso e prompto
Que nem lhes déra dôr.

SCENA VII

D. AFFONSO e D. PAIO. SANCHES NUNES

curva-se ante o rei e retira

D. PAIO

A vós, senhor, me volvo
Bem outro do que hei ido.
Levei-me confiado
E trago-me... abatido.

D. AFFONSO

Desde logo o previ,
E cordeal te absolvo;
Que presumir de si

É natural peccado,
 E ter de confessá-lo
 É já tê-lo expiado.
 Em seu dizer que manda?

D. PAIO (*com malevolencia*)

Resolvida a partir,
 Nada lhe deu abalo
 Que em nada quer convir.
 O que a todos abranda,
 O que a qualquer dissuade,
 Exaspera-lhe n'alma
 As forças da vontade.

D. AFFONSO (*com involuntaria admiração*)

Exemplo não vulgar
 De varonil firmeza
 Tornou-se exemplar
 Da raça portugueza.

D. PAIO (*á parte com zombeteira ironia*)

N'um leve demorar
 Do seu olhar, qu'impera,

(*Apontando o Infante*)

Faz d'uma féra um anho

(*Apontando para si*)

E toma um anho em féra.

D. AFFONSO (*alto, mas como para si*)

Se a nobreza se insurge,

N'um grito revoltado,
É porque ella baixou
Ao nivel do peccado.

D. PAIO

Por isso, meu senhor,
É que a vingança lhe urge.

D. AFFONSO

Foi f'rida no seu culto;
E por golpe tão forte
Que nem lhe lembra o indulto.

D. PAIO

Só pede e espera...

SCENA VIII

Os MESMOS e D. SOEIRO

D. SOEIRO

A morte.

D. AFFONSO (*reprehensivo*)

É crível que Soeiro,
Do bom solar da Maia,
Ouse ser o primeiro
Que convencer-me ensaia

A matricida ser ? .

D. SOEIRO

É que não terá paz
O mais viçoso imperio,
Quando haja junto ao throno
Incesto ou... adulterio!

D. PAIO

Irmão senhor, lembrai a quem fallaes...

D. SOEIRO

Lembro, meu padre, lembro e... lembro até de mais

D. AFFONSO *(contendo a custo a colera)*

Despedido de toda a cortezia,
Arrebatado ides.
E, ou por caduco vos julgaes isento,
Ou por ser moço me pensaes brutal.
Mas se em renhidas lides
Vos prezo, Dom Soeiro, a valentia,
Não tolero na replica argumento
Que pôssa aos meus ouvidos soar mal.

D. SOEIRO *(em tom de meia desculpa)*

O vosso bem e bem do reino anceo.
Se a minha lingua é despejada e rude
É que jamais, Infante, houve receio,
E em vosso pró nunca aquieta-la pude.

D. AFFONSO (*aplacado*)

Eu sei, amigo, sei; porem desista
Vosso affecto leal de me vencer.
Mais de que o Papa não sejaes papista,
Que quanto é excesso nos não è mister.

D. SOEIRO

Comtudo...

D. AFFONSO

Por agora

Tenho assumpto assás grave
Em que vos quero ouvir.
No trabalho insuave,
Que por dever me impuz,
Jogarei liso e franco
Embora atraia a flux
Cuidados sobre mim.

D. SOEIRO

E bem hajaes, senhor.

D. AFFONSO

Attendo haver, amigo,
Mas por proemio só hei tido mal.

D. PAIO

Mas como? (*á parte*) O tal mentor!...

D. SOEIRO

Dizei em quê,

D. AFFONSO

Perdi um pae amante, e me redigo
Que um sceptro não compensa perda tal.

OS DOIS

Egas?

D. AFFONSO

Vai procurar alheio abrigo.

D. SOEIRO

N'esta hora!

D. PAIO (*à parte*)

Que prazer! (*Alto*) Ó villania!

D. AFFONSO

A seu feito tal taxa se não dê,
Appellida-o d'insigne galhardia
Quem n'alma d'elle e n'alma propria lê.

D. SOEIRO

E ousou um Riba Douro?!...

D. AFFONSO

Eu é que ousei?!

Descobrir-lhe sem pejo, francamente,
Que pretendo reinar independente.

D. PAIO

Ha um tal portuguez?

D. AFFONSO

Um molde tal não ha,
Porque antepõe a todo o lustre e brilho
Impolluta honradez por ignorado trilha.

Que eu tivesse, oxalá,
Tão firme coração...

(Breve pausa, com altivez.)

Não procuro razões
Ao meu procedimento.
Aborreço ficções:
Sou incorrecto, sei...

D. SOEIRO

Não vos podeis culpar ..

D. PAIO

Quer um pastor a grei.
Outro que vós, Senhor,
Régeita, e se rebella.

D. SOEIRO

Agora que em Castella
Ha tanto em que pensar,
Que todo o tempo é escasso,
É azado o momento.

D. PAIO

Pois dareis d'um só passo

Começo e acabamento.

(Começa a ouvir-se a ladainha ao longe.)

D. AFFONSO

Soam vozes, que julgo d'oração.

D. SOEIRO

Atardados zagaes.

D. AFFONSO

Talvez.

D. PAIO

Não são.

SCENA IX

Os MESMOS e VELEZ

D. AFFONSO

Quem vela em oração, sabeis, Velez ?

(Sente-se o côro cada vez mais perto.)

VELEZ

Egas e os seus vão resgatar co'a vida

A jura que...

D. SOEIRO, *com firmeza*

Não deve ser cumprida.

VELEZ

Encommendam-se á Virgem das Mercês.

D. AFFONSO *(com impeto)*

Partem!... eu vou... não posso consentir...

Cumpro o dever. É lei.

D. SOEIRO *(retendo-o e distillando as palavras)*

Mas lembrai-vos, senhor,

Que o reino exige um rei.

D. AFFONSO *(repetindo machinalmente)*

Exige um rei.

(Caindo na realidade)

Oh! dôr!...

(Atrai-se sobre um escano e esconde o rosto nas mãos. Egas e os seus passam ao fundo da scena no vestuário tradicional. Egas pára um momento, silencioso, contempla D. Affonso com saudade e segue os seus).

D. SOEIRO *(limpando uma lagrima com as costas da mão)*

Tinha de ser!

D. PAIO *(áparte)*

Não choro de o ver ir.

SCENA X

OS MESMOS e o SENHOR DA TERRA DA FEIRA

TERRA DA FEIRA

Senhor!

D. AFFONSO

Terra da Feira!

TERRA DA FEIRA

Egas a vós me envia.

D. AFFONSO (*tomando-lhe as mãos com ansiedade*)

Repete fielmente o que te disse... avia!...

TERRA DA FEIRA

Ide por mim a meu alto creado,
 Que com tanta crueza me justiça.
 Se lhe consente ouvir a vã cubiça
 «Dizei-lhe que, partido de seu lado,
 «Da Virgem de Clarval lhe envio a cópia.
 «Tudo meufica. Em lucto, dôr, inopia,
 «Resgato a falta, em portuguezes rara,
 «Co'a própria vida, que tão pouco prézo,
 «E a da consorte e filhos, que me é cara.
 «Indo sacrificar-me ao nome illeso,
 «Agarra-se-me o olhar a quanto amei,
 «Mas a minh'alma, da saudade escrava,
 «Não lhe póde esconder que... perdoei.

D. PAIO (*ao Infante*)

Em vossos olhos pranto ?!...

D. AFFONSO

Pranto, sim.

Triste do que o não véрте em casos taes.

(O seahor da Feira, acena á porta e entra um pagem trazendo sobre uma almofada de brocado a imagem de Nossa Senhora. Seguem-no cavalleiros, besteiros, peões, homens d'armas etc. O senhor da Terra da Feira toma a imagem e entrega-a respeitosa-mente ao Infante).

D. AFFONSO

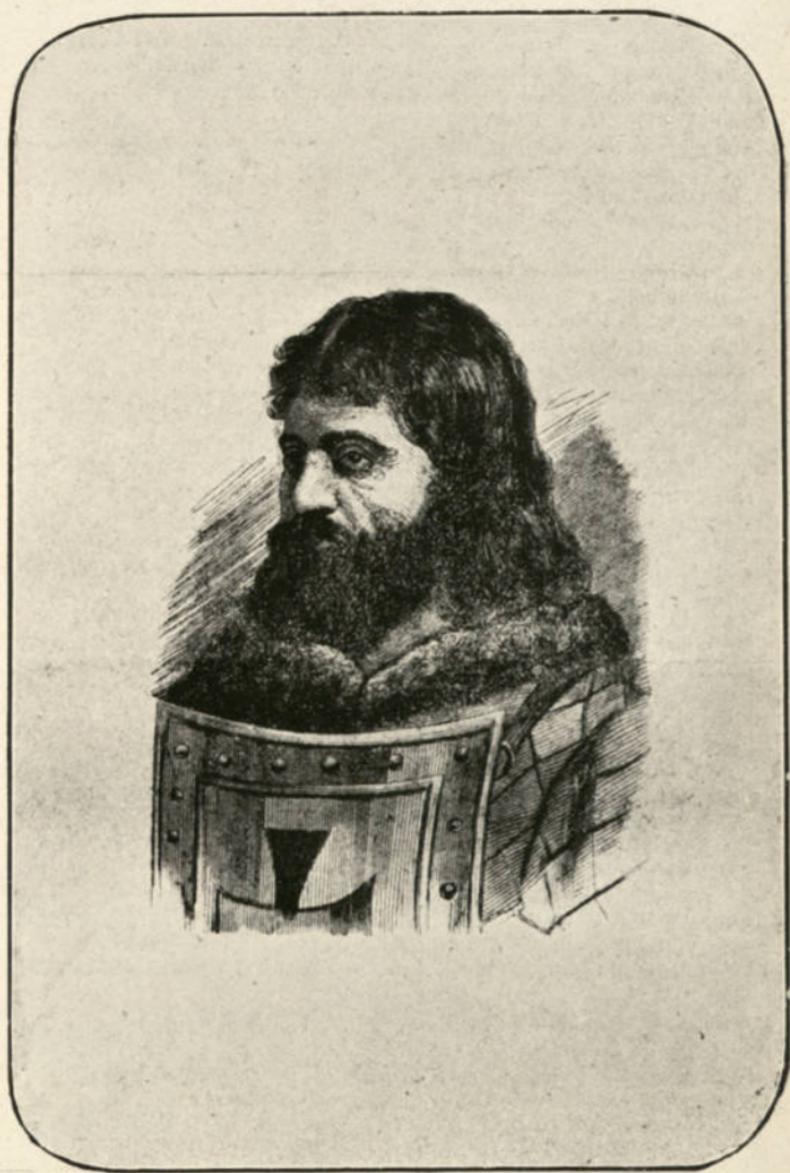
Senhora, que em tamanino
Ao tornar-me vigoroso
Me promettestes arrimo,
E que ora ao meu coração,
N'este golpe temeroso,
Trazeis tão doce perdão:
Ante o exercito potente
Com hymnos, danças, repiques
Vos sagro a terra natal.

TODOS

Viva D. Affonso Henriques
Viva! viva Portugal!

.....
.....
e mais... porque vo'lo-hei eu já mais a dizer?...
mia morte sodes, que me fazedes morrer!

Jum'Eannes Cerzeo. C. A., 186 C. B.





ACTO TERCEIRO

A SCENA

Uma sala nos paços de Compostella, ricamente mobilada á epoca; ao fundo um eirado para o qual dão vista duas janellas da mesma divisão e sahida a porta, collocada entre ellas Sentada n'um cadeirão de espaldas perto d'uma das janellas, D. Thereza contempla tristemente as ameias do solar dos Laras, onde vivem os condes de Trava.)

SCENA PRIMEIRA

D. THEREZA (*comsigo*)

A minha propria estima eu lhe immolei sem dôr.
Perdi tudo na terra, até dos ceus a esp'rança.
E 'pensava a sorrir: De tão immenso amor
Não póde duvidar!... Como eu era creança!...
Bróta a desconfiança onde morre o respeito,
Embora d'este a campá exista em nobre peito...

Em tudo e sempre sabia, a justa Providencia
Deu por castigo á culpa a propria consequencia
(Pausa).

O orgulho que até reis nos faz notar somenos,
Ás vezes ante nós nos mostra bem pequenos...
Seguindo uma aventura, um sonho, uma illusão,
Vai-se de dôr em dôr rasgando o coração.
Assim, chagando os pés nas urzes do caminho,
Chega-se ao fim da vida extenuado e sosinho.
Ei-lo de Dona Sancha inda outra vez ao lado,
Contracto, carinhoso, até apaixonado ..
Meu Deus!... que vim fazer em terras de Galliza ?
Morrer, morrer de amor que é expiação precisa.
Oh! se a morte viesse!...

(Oculta o rosto no lenço e chora. Sentindo aproximar-se alguém, recolhe-se ao vão da janella precipitadamente)

SCENA II

D. THEREZA, GILL e MARQUEZA

GILL *(entra, dedilhando n'um alaúde e cantarolando por entre dentes; quasi logo marqueza)*
(Nenhum d'elles vê a Rainha,)

GILL *(parando de tocar e dirigindo-se á cunilheira,*
Ora inda bem que aparece,
Gentil cabecinha d'ouro,
Que tanto de Gill se esquece.

MARQUEZA *(com muita meiguice)*

Olvidar o meu thesouro ?!!!

Eu ?! que logo que amanhece

Corro a vê-lo no eirado ?!

GILL *(desvanecido)*

Sou tão feliz!

MARQUEZA

És amado. *(Apontando o alaude.)*

Cantavas ?

GILL *(cantarolando passamente a modo de gracejo)*

Tornastes christão um mouro

Que se morria por vós.

Eu, sem ser mouro, me mouro

Por vêr-me comvosco a sós.

MARQUEZA *(com infantil garridice)*

Não me praz. Cantas d'amor,

E eu pedi tenções d'amigo.

GILL *(galantemente)*

Suspiro por ter-te, flôr,

O coração não desdigo. *(Preludia)*

Não vivo, dêz que te vi,

Em mim porque estou em ti.

(Annunciando). A quem me mata de dôr :

(Cantando)

Nas cercadas mattas

De aneio me matas
 Esperando...
 Porque a vêr-te côrro
 E, vendo-te, môrro
 Esperando...
 Olha que teus olhos
 Semeiam abrolhos
 Esperando...
 Se teus labios heijo
 Recrésce o desejo
 Esperando...
 Agora me diz
 Quando serei feliz?
 Quando?

(A Rainha ao começar o canto aproxima-se lentamente, sem ser sentida: quando elle termina está junto de Marqueza e Gill, que, surprehendidos, coram e baixam os olhos, muito enleitados.)

D. THEREZA *(com um benevolo e triste sorriso)*

Vós inda sois em abril,
 Mas eu ha muito o passei.
 Por isso, Marqueza e Gill
 Um conselho vos darei:
 Por mais que vós sejaes santos,
 Por mais que ao mal adversos,
 Receiae sempre de cantos
 Temei-vos sempre de versos.

MARQUEZA

Senhora!...

D. THEREZA

Eu sei... Sahi, Gill.

SCENA III

D. THEREZA è MARQUEZA

D. THEREZA

Tu, minha rosa gentil,
Cheia de viço e frescor,
Sorris á vida, ao amor,
Tens no olhar o coração,
Irradias a ventura
Com que até desperta sonhas.
Ah! infeliz creatura,
Que de agonias medonhas
Terás na desillusão!...

(Marqueza olhá-a atterrada.)

Sim, cara, toda a mulher,
A quem sobre sentimento,
É brinco para um momento
Nas mãos d'um homem qualquer;
Pois, de todos o melhor,
Por sensibil e fagueiro,
É sempre um aventureiro
Que torna o mal em peor:

MARQUEZA (*protestando*)

Mas, Rainha... Gill é bom...

D. THEREZA (*com um sorriso de amarga experiencia*)

Todas dizemos o mesmo

E sempre no mesmo tom. (*N'um impeto apixionado*)

Tomai da má raça, a esmo,
Castanho, louro, ou trigueiro,

Não passa d'um passageiro

Nos affectos que sentir.

(*N'outro tom*)

E eu, louca, a fazer-te ouvir

Arengas proprias de velhos...

O que t'importam conselhos

Se tens um sonho a sorrir!

Ah! Marqueza, que saudade

Do tempo em que tambem cri!...

Em que julguei ser verdade

Todo o bem que desejei!...

Por castigo não morri,

Mas por desgraça acordei!...

(*Passando-lhe as mãos pelos cabellos visivelmente commovida*)

Que Deus affaste, Marqueza,

Tão infinita tortura

D'essa alma, cuja belleza

É bem digna de ventura.

SCENA IV

As MESMAS e MÓR GARCIA

D. THEREZA

Dize cá, minha Mór, inda não estás contente?

MÓR GARCIA

Rainha, o que vos devo o dolo não consente.

Marqueza, vim render-vos.

MARQUEZA

Algo mandaes, senhora?

D. THEREZA

Que procureis vencer-vos.

(Áparte)

Quanto melhor me fôra

Se eu m'ò tivera feito!...

(Sae Marqueza)

SCENA V

D. THEREZA e MÓR GARCIA

MÓR GARCIA *(áparte)*

Em vão tenta o respeito

Callar o soffrimento.

D. THEREZA

Sê franca, minha Mór, dá lingua ao pensamento.

MÓR GARCIA

Visto que o permittis, fallarei livremente.
Casei, obedeci; porém o coração,
Sabeis, demais sabeis, é sempre resistente
Em conservar dos que ama intacta a affeição.
Se é culpa... que fazer ?

D. THEREZA

Tenta, tenta esquecer.

MÓR GARCIA

Mas como ? Se o remorso o coração me opprime ?
Se todo o rasga em dôr ? Se tenho horror ao crime ?
Rainha, em vão tentei bani-lo d'esta mente.

D. THEREZA *(n'um mixto de gozo e magua, como
recordando o que ella propria passou)*

O coração rendido o torpe affecto sente
Augmentar dia a dia, e em convulsões de dôr
Vai-se extinguindo a vida...

MÓR GARCIA

É cresce sempre o amor.

D. THEREZA

Lucta dilacerante a consciencia trava,
Mas...

MÓR GARCIA *(ajoelha-lhe aos pés e occultando o rosto nas mãos, continua como quem vergonhosamente se confessa)*

Torna-se depressa em submissa escrava.

Não sei, ó Mãe, não sei cumprir o meu dever...

E n'este aneio vil...

D. THEREZA *(abraçando-a com muita pena)*

Só vives de morrer.

MÓR GARCIA *(n'um completo desafogo)*

A morte, a passo e passo, o corpo vae minando,
E o fel da minha culpa esta alma envenenando...

De noute, quando tudo é socegado e quêdo,

A sós co'o crime meu, tremo de horror e medo.

No templo do Senhor já não me atrevo a entrar;

Sem forças...

D. THEREZA *(áparte)*

Sem arrimo e sem desabafar

Arrasto peor cruz!

MÓR GARCIA

E sou tão desgraçada

Que o meu maior desejo era volver ao nada.

D. THEREZA *(pesarosa)*

Eu quíz dar-te a ventura,

E, como sempre, errei.

Perdôa...

SCENA VI

AS MESMAS e MICIA NUNIS

MICIA NUNIS *(vindo do interior da casa)*

Minha Infanta,
Dom Fernando vos conjura
De o receber,

D. THEREZA *(com visível sobresalto)*

Eu não dei
Ordem bem clara?...

MICIA NUNIS

Quebranta
Resistir a rogos taes.
Consenti, pois, em rogar-vos...

D. THEREZA *(à parte)*

Rogar-me!...

MICIA NUNIS

Que o recebaes.

D. THEREZA *(n'um tom meio amigo, meio ironico)*

A tão boa intercessora
Nada se póde negar;
No entanto...

MÓR GARCIA (*pedindo*)

Ouvi-o, senhora.

D. THEREZA

Tambem vós? (*a Micia*)

Mandai entrar.

(*Sae Micia*)

MÓR GARCIA (*hesitando*)

Mas não fraquejeis, Rainha.

D. THEREZA

Não. Vae, deixa-me sósinha.

(*Sae Mór. A Rainha ergue as mãos como quem implora do ceu, n'uma prece muda, força para resistir à explicação, que vae seguir-se.*)

SCENA VII

D. THEREZA e D. FERNANDO

D. THEREZA

Que fazes aqui? porque ousas

Ante meus olhos mostrar-te?

Tens a melhor das esposas,

Que queres de mim?

D. FERNANDO

Amar-te.

D. THEREZA *(cheia de fel ironico)*

Amar-me?!... o senhor de Trava?
O ser que me tornou escrava,
Que me rojou pelo chão,
E aos pés da mulher amada,
Voltando de Portugal
Como de longa caçada,
Atira o meu coração
Como um tropheu sem rival?!
Tu sonhas!...

D. FERNANDO

Minha Thereza,

Foi instantanea loucura.
Sem ti, nobre creatura,
É-me impossivel viver.

D. THEREZA

Agora o notaste? — É pena.
Nada te posso fazer,
Pois ha dias descobri
Que a minha vida é serena
Desde que a passo sem ti.

D. FERNANDO

Tu não pensas o que dizes.

D. THEREZA *(áparte)*

E não, por meu mal. *(Alto n'um tom indifferente e aborrecido)*

Talvez.

D. FERNANDO *(com incredulidade)*

Dos nossos dias felizes

Não tens saudade?

D. THEREZA *(como acima)*

Talvez.

D. FERNANDO *(já receioso d'aquelle tom)*

O nosso beijo primeiro,

Tão ardente, tão sentido,

De paixão tão verdadeiro,

Póde ser nunca esquecido?...
(Longa pausa)

Responde, Th'reza.....

D. THEREZA *(com voz alterada)*

Talvez.

D. FERNANDO

As impressões que trocámos

Quando juntos galopámos

Para o desterro?...

D. THEREZA *(com voz sumida)*

Talvez.

D. FERNANDO *(tomando-lhe as mãos e obrigando-a a fita-lo)*

E quando eu estive a morrer?...

D. THEREZA *(dolorosamente)*

Ai! não, meu Fernando, não,

Isso não posso esquecer,
Mas... não m'o queiras lembrar.
Meu zeloso coração,
A ter-te aqui de perder,
Prefere vêr-te morrer
A que me deixes de amar.
Como tenho lamentado,
Quando te julguei perdido,
O não te ter acabado
N'um golpe do meu punhal,
E ter contigo morrido!...
Se é tormentoso o inferno
Em nada excede o meu mal.

D. FERNANDO *(com jubilo)*

Bem vês, bem vês que me adoras.

D. THEREZA *(sucumbida)*

Nunca o neguei. Passo as horas
Pensando no nosso amor,
Nascido com tanto gozo
E que finda em tanta dôr.

D. FERNANDO *(limpando ostensivamente uma lagrima)*

Não finda, Th'reza, porque eu
Mais do que nunca te quero,
E nem por sonhos tolero
Que exista sem ti um ceu.

D. THEREZA

Ó meu Fernando adorado,
Que bem que me faz ouvir-te!...
Tudo esqueço. Que a punir-te
Sobre... ter-te perdoado.

D. FERNANDO

Vida do meu coração!
(Corre um sino annunciando tres horas. O Conde sobressalta-o)
Já tres horas?... vou deixar-te.

D. THEREZA

Para quê?

D. FERNANDO *(enleado)*

Tenho inda onde ir.

D. THEREZA *(suspetosa)*

Dá-me ao menos a razão...

(N'outro tom)

Poderei acompanhar-te?

D. FERNANDO *(como acima)*

Impossivel...

D. THEREZA *(impede-o de continuar, tapando-lhe a boca)*
Nã' digas mais. Eu pergunto:
Que intentas?... D'aqui que queres?
(D. Fernando tenta afaga-la. D. Thereza affasta-o)
Nã' fugirás ao assumpto.

Possuir duas mulheres
Isso não conseguirás :
Ou Sancha, ou eu,-- escolherás.
Se és d'ella, para lá vaes
Se és meu, já d'aqui não saes.

D. FERNANDO (*enleiado, mas tentando encobri-lo*)

Então?! não sejas tontinha ;
Bem sabes que o meu dever...

D. THEREZA (*pungente*)

O dever!... quando convinha
Foi bem facil de esquecer.
Vaes, ou não?

D. FERNANDO

É forçoso ir...

D. THEREZA (*fôra de si*)

Então não tornas a vir.

D. FERNANDO (*reprehensivo*)

Ó Th'reza, que cruel és.

D. THEREZA (*indicando-lhe a porta*)

Não voltem aqui teus pés,
Se de ter honra te ufanas.

D. FERNANDO (*saindo e lançando-lhe um olhar triunphante*)

Tu chamarás, porque me amas.

SCENA VIII

D. THEREZA *(só e com desespero)*

Não poder eu odiar quem, no outomno da vida,
De cruel dôr vestiu meu pobre coração!...
Elle não sabe, não, quanto pode a paixão
N'uma fraca mulher. Sinto-me audaz e forte,
E, se não fosse Deus, aos dois daria a morte...
A dôr trasborda n'alma... A custo me contenho...
Esta mente é vulcão que o corpo abraza... e tenho
Impulsos de arrancar aos dois o coração,
E esmigalhar-lh'o após, entre os meus pés e o chão.

(Longa pausa)

A raiva em que me abraço augmenta, é já tão forte
Que não ha que hesitar: ou mato, ou dou-me a morte.

(Outra pausa)

Não poder eu sentir nascer-me um novo amor
Assim como renasce em todo o prado a flôr...
Depois da tespestade volvesse a tarde calma...
A febre que o meu corpo e mioha mente encalma,
Do corpo refugisse, e n'alma conculcada
Podesse despontar o alvor da madrugada...
Ah! mas não póde, não!

SCENA IX

A MESMA e MÓR GARCIA

MÓR GARCIA (*afflicta*)

Porque choraes, Rainha?

D. THEREZA

Ai! minha boa Mór, que humilhação a minha,
Para que o recebi?!...

MÓR GARCIA

Ficastes maguada?

D. THEREZA

Peior. Prefere Sancha... eu sou a rejeitada...

Emfim conto contigo.

(Ferida de subita ideia)

Attende-me um instante:

Verás como consigo

Que me ame um torpe amante.

(Sae)

SCENA X

MÓR só

MÓR GARCIA (*ajoelhando sobre um genuflexorio
ante uma imagem de Christo*)

Chorando vos imploro, Eterno e Summo Rei,
Não venha conculcar vossa justa vingança
O terno coração, que me abrigou creança.
Offertar-vos não ousou esta alma envilecida,
Mas puni-me sem dó durante toda a vida;
E se assás não julgaes para salvar tal ser,
Arrancae-me d'esta alma a fé d'inda vos ver.

SCENA XI

A MESMA e D. THEREZA

D. THEREZA (*voltando com um cofresito na mão*)

Rezas, Mór? — Muito bem fazes.
Chamarás aqui Fernando
E dir-lhe-has que faço as pazes,
Exigindo apenas quando
Me escrever, ou cá vier
Não me fallar na mulher.
E, pois me tarda senti lo,

Como d'antes meu amigo,
Lhe peço como favor
Venha merenjar commigo.

MÓR GARCIA *(a medo)*

Tentaes, senhora...

D. THEREZA

Puni-lo

(Com despreocupaçãõ forçada)

Por um ciume infundado.

Vae, que hasde rir um bocado.

(Mór Garcia hesita como se ainda pensasse em fallar, mas curva-se e sae).

SCENA XII

D. THEREZA, só

D. THEREZA *(depois de se assegurar ds portas que está bem só, aproxima-se da mesa, abre o cofre e, tirando um anel, falla comsigo)*

Agar, minha pobre escrava,

Quando voltou para Argel,

Por gratidão me deixou

Encerrada n'este anel

Peçonha que destinava

A pôr termo á propria vida.

Então, como presentida

Do mal que ágora chegou,
Vi n'elle o meio melhor
Das minhas maguas sanar.
(Depois de meditar)
Ninguem chorará... só Mór...

SCENA XIII

A MESMA, MARQUEZA e MICIA

MARQUEZA *(à porta)*

Seremos de mais, Rainha ?

D. THEREZA

Não, não : vinde conversar.

MICIA

É que é tão triste a tardinha !

D. THEREZA

Eu nunca gostei do inverno.

MARQUEZA

Mesmo o peito menos terno
Vendo os troncos resequidos,
As plantas murchas, sem flôr,
Ouvindo os roucos gemidos
Que o vento passando solta,
Contra o quadro se revolta.

D. THEREZA

Por vêr n'elle a olho nú
O que a vida têm de crú,
Se a não conforta o amor . . .

(Depois d'uma pausa)

Lembras-te, Micia, dos versos
Que o meu pobre Bernardim
Compoz em data de gloria?

MICIA *(com saudade e áparte)*

Se os lembro! *(Alto)* Senhora, sim.

MARQUEZA *(com magua e áparte)*

Como os dias são diversos! . . .

D. THEREZA

Di-los pois, porque a memoria
Do tempo em que foi feliz
Sempre a nossa alma bemdiz.

MICIA *(anunciando)*

Um rimance á muita gloria
Da nossa Infanta Rainha.

MARQUEZA *(áparte)*

Tão bem como elle o dizia
Não n'o diz a Miciasinha.

D. THEREZA *(áparte)*

Como Fernando m'o lia! . . .

MICIA (*recitando*)

Nem Aragão nem Castella
Querem pelejar com ella,
Que os inimigos debella
Como temivel Leão.
Tem portuguez coração,
Nem mesmo a vence a razão.

Pois, se um olho lhe tirardes
E se com ambos ficardes,
Só se por terra deixardes
Vosso corpo sem caixão.
Tem portuguez coração,
Nem mesmo a vence a razão.

Entrae por causar-lhe damno
Que em muito menos d'um anno
Tereis féro desengano
E lhe pedireis perdão.
Tem portuguez coração,
Nem mesmo a vence a razão.

D. THEREZA (*desvanecida*)

Assim foi. Não me venciam
Porque eu me vencia a mim.
Leão que todos temiam
A tornar-me em pomba vim.

(Com subita resolução)

Agua!

(Marqueza aproxima-se d'uma meza, deita agua no calix, colloca-o sobre uma salva e, aproximando-se da Rainha, entorna alguma agua na salva, bebe-a e depois, tornando a pôr o calix sobre a salva, offerece-o á Rainha. D. Thereza toma salva e calix das mãos da cuvilheira, colloca-os junto de si sobre a mesa e continúa)

Fazei vir luz.

Tu, Micia, vae chamar Mór.

(Saem ambas. D. Thereza tira rapidamente o anel do seio e lança o seu contheudo no calix: em seguida chega á janella e deita-o fóra, depois do que, bebe o veneno.)

Depuz emfim a cruz.

Resta me inda o peor

Dizer adeus... á vida.

(Lembrando-se de que o calix a pode trahir atira-o com violencia ao chão.)

SCENA XIV

A MESMA. MARQUEZA e MICIA
seguidos de pagens com luções, logo D. Fernando e Mór

D. THEREZA *(mostrando ás cuvilheiras o calix partido que um pagem se apressa a levantar)*

Que desastrada sou!

Mas quem co'os crystaes lida...

D. FERNANDO *(sobranceiro)*

A Rainha é que chamou?

D. THEREZA *(já com visível sofrimento no rosto
mas muita meiguice na voz)*

Sim, chamei, meu doce amigo,

Aproximae-vos. *(As civiilheiras com um gesto)*

Vós ide. *(A Mór Garcia)*

Fica, Mór *(A D Fernando)*

Termino a lide...

Ser-me-hão teus braços abrigo

No derradeiro combate.

D. FERNANDO *(assustado)*

Dizeis?!...

D. THEREZA *(cada vez mais demudada mas sorrindo)*

Um puro dislate.

Deixa-me vêr tua mão ..

(Conserva nas suas a mão do Conde que a olha afflicto e apprehensivo. Depois de pausa, a Mór)

A um portuguez coração,

Ao qual se tornou vedado

Reinar, lutar e vencer

E nem mesmo pode amar,

(Com crescente difficuldade)

O que lhe resta?

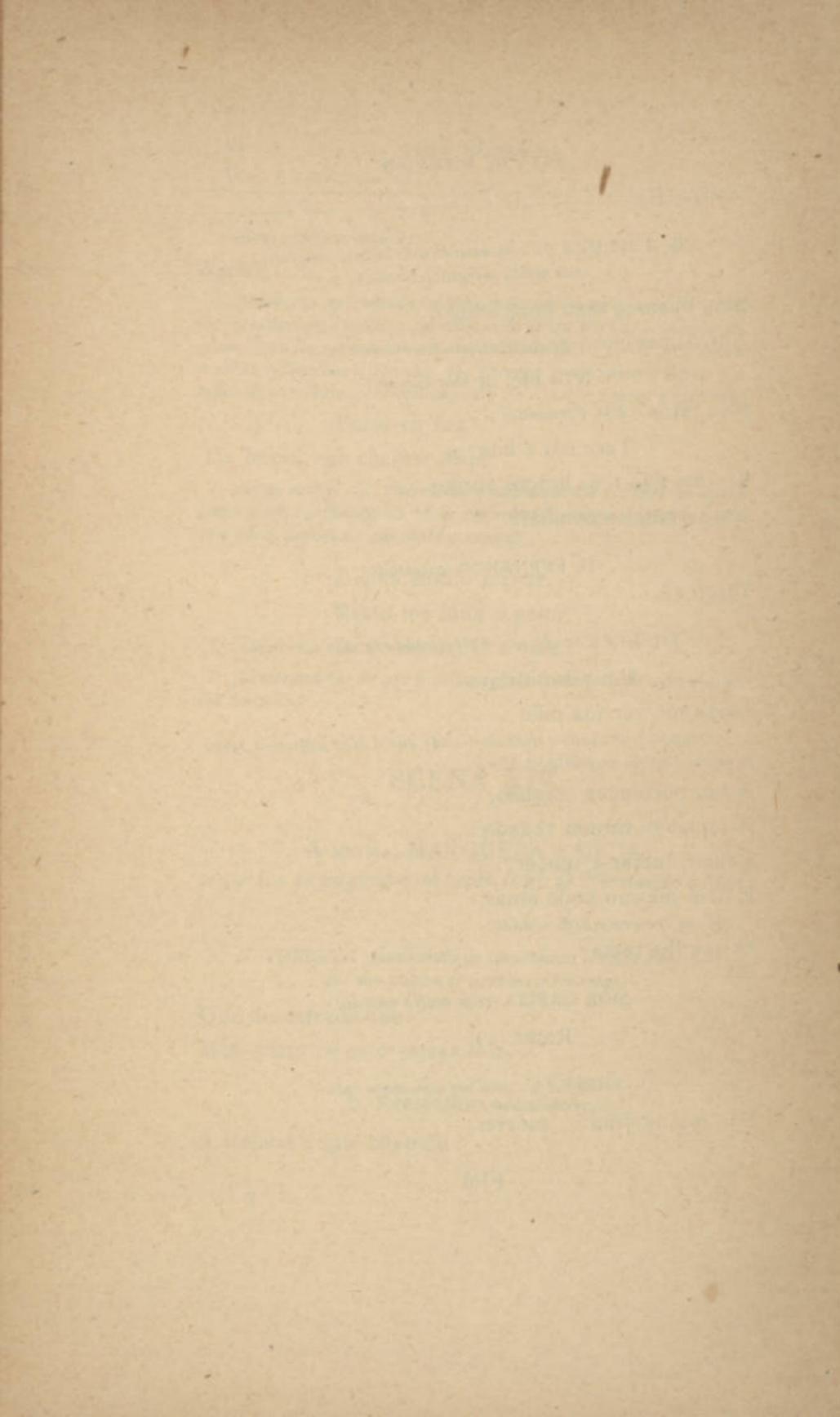
MÓR GARCIA *(com muita unccção)*

Rezar.

D. THEREZA *(cada vez com mais custo)*

Não minha filha... morrer.

FIM



NOTA DA AUCTORA

Estes tres actos fôram escriptos em epocas diversas, e ressentem-se talvez d'isso. No entanto, como os tratei com igual cuidado, pareceu-me preferivel a refundir os dois primeiros, deixal'os como os fiz.

Não será muito artistico ; mas todos os que escrevem comprehenderão o sentimento que me impede de lhes modificar a fôrma : tanto me basta.

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.^a

186 — RUA AUREA — 188

Ultimas publicações

Silva Pinto: *Camillo Castello Branco*, Notas e documentos: desaggravos. 1 vol. broch. 600 rs.; encadernado, 800 réis.

Fernando Caldeira: *Mocidades* (versos), broch. 700 rs.; encad. em percalina, 15000 rs.; em papel Whatman, broch. 25000 rs.—*A Madrugada*, comedia em 4 actos (em verso), 2.^a ed broch., 800 rs.; encad., 15000 rs.; em papel do Japão, 45500 rs.—*A Mantilha de Renda*, comedia em 2 actos (em verso), 3.^a ed. broch., 500 rs.; encad., 700 réis.

D. João da Camara: *Os Velhos*, comedia em 3 actos, br. 600 rs.; encad. 800 rs.; em papel do Japão, 45000.

Celestino Soares: *Le Reveillon des Cardinaux*, trad. em francez da *Ceia dos Cardeaes*, finissima comedia em verso de Julio Dantas, 200 rs.

João Braz d'Oliveira: *Narrativas Navaes*, V vol. publicado pela Liga Naval

Portugueza.—Narrativas de combate, Naufragio, Encalhe, Temporal, Tufão, Desembarque, Desarvoramento, Arribada, Avaria, Homem ao mar, Lendas d'Alem-mar, etc. 1 vol. broch., 15000 rs.

Theophilo Braga: *Historia da Poesia Popular*, 3.^a ed., 2 vol. br., 15000 rs.—Vol. I, As Origens.—Vol. II, Cyclos Épicos, 800 rs.—*Romanceiro Geral Portuguez*, Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros, 2.^a ed., 3 vol. br. 25500 rs.—Vol. I: Romances Heroicos, Novellescos e de Aventuras, 680 paginas, 15000 rs.—Vol. II, Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros, 588 pag. 15000 rs.—Vol. III, Romances com fórma litteraria, dos sec. XVI e XVIII. Notas comparativas, brochado, 15000.

J. Urbano Rodrigues e Victor Mendes: *O Camarim*, comedia em 1 acto.

No prélo:

Henrique Lopes de Mendonça: *O Duque de Vizeu*, drama historico em 5 actos (em verso), 2.^a ed., com illustrações segundo aguarellas de Roque Gameiro e gravuras em cobre da casa Roussel Fils., de Paris.—Theophilo Braga: *Cancioneiro*, vol. I.—Silva Pinto: *Em férias*, 2.^o vol.